

## 6

### Conclusão

Não se pretende aqui encontrar respostas, mas sim levantar questões e abrir caminhos para reflexões futuras. Através da observação de quadros, reportagens e edições especiais do *RJTV primeira edição*, analisamos a relação que este telejornal estabelece com seu público e podemos afirmar que ele tenta desempenhar um papel de mediador entre o seu telespectador e o espaço público ao qual se direciona.

Retomando a discussão do primeiro capítulo, podemos afirmar com mais segurança neste momento em que arrematamos esta dissertação, que no âmbito do telejornalismo local é possível detectarmos uma maior aproximação do emissor com o receptor. Mesmo considerando que o Rio de Janeiro é uma metrópole que abarca diferenças, contrastes e complexidades impossíveis de serem representadas em sua totalidade, não podemos negar que o telejornal estudado em muitos momentos seja um facilitador da relação entre este espaço e seus habitantes.

Este trabalho procurou analisar o telejornalismo privilegiando a maneira de se dar as notícias. Ao nos atentarmos para o processo de enunciação das mensagens, observamos que nosso objeto ousa em diferentes iniciativas que têm claramente o objetivo de estabelecer uma maior aproximação com seu público, principalmente o de baixa renda. A análise de edições especiais do telejornal transmitidas de fora do estúdio permite nos perguntarmos se uma alteração na maneira de se dar a notícia pode afetar a relação do produtor com o receptor.

Sabemos que o estúdio limpo, silencioso, padronizado, desperta uma sensação de conforto e de segurança no telespectador. Ele está acostumado a receber as notícias diárias daqueles apresentadores que estão sempre inseridos em um mesmo espaço. A televisão é um meio de comunicação audiovisual que, tradicionalmente, procura gerar em seu receptor uma

sensação de comodidade, conforto, habitualidade. Os apresentadores e repórteres entram dentro das casas de seus telespectadores, e por isso devem ser pessoas que transmitam amabilidade, confiança. O hábito de se ver TV está relacionado à previsibilidade da sua programação.

Entretanto, quando a mensagem é transmitida de um cenário diferente, de que maneira sua recepção pode ser afetada? Se os apresentadores do telejornal aqui observado saem do conforto de seu estúdio e de seu *teleprompter* para, com uma grande dose de improviso, transmitirem suas informações direto de um cenário inusitado, podemos supor que a recepção deste telejornal seja diferente da habitual? A confirmação desta suposição poderia ser atingida por uma futura pesquisa específica de recepção focada nos telespectadores de baixa renda que recebem as notícias locais.

O foco deste trabalho não foi o receptor isolado, mas sua relação com o telejornal. O telespectador observado por esta pesquisa foi aquele que participa da produção do *RJTV primeira edição*, através de telefonemas à redação, votando nas urnas eletrônicas, dando entrevistas aos repórteres ou aparecendo atrás deles e dos apresentadores nas transmissões ao vivo. Mesmo que se possa dizer que estas participações não aconteçam da forma ideal, mais democrática; mesmo não perdendo de vista que o protagonista é sempre o telejornal, que abre um espaço para a participação popular, não se pode negar que o telespectador do telejornal local aqui estudado tenha maior espaço do que em outros telejornais, como os de rede.

Olhamos, portanto, para o telespectador que entra no telejornal e para os momentos em que o telejornal entra no ambiente do telespectador. Nos dois aspectos, tentamos vislumbrar uma valorização do processo de comunicação, na relação entre seus dois pólos – emissor e receptor -, muitas vezes pensados separadamente. Tomando como exemplo o caso do telejornal transmitido ao vivo da praia de Ramos, o que podemos afirmar é que naquele momento os apresentadores estavam inseridos no ambiente dos moradores daquela região, o que proporcionou uma aproximação física do telejornal com o bairro e uma cobertura mais fiel e detalhada da rotina e dos problemas vividos ali.

Aqui nos aproximamos de outra questão observada neste trabalho, que é a do sentimento de pertencimento estimulado pelo telejornalismo. A tentativa do telejornal estudado em descrever um retrato mais próximo e fiel de diferentes regiões marginalizadas do Grande Rio pode gerar em seus telespectadores uma imagem do ambiente que os cerca mais abrangente, diferente da que é captada fisicamente, sem a mediação televisiva. Sabendo que, através do *RJTV*, o telespectador da Zona Sul assiste às notícias sobre a Baixada Fluminense, podemos pensar que, desta forma, ele adquira uma percepção mais geral de aspectos da metrópole que estão socialmente distantes dele.

O telejornal se coloca entre a população que o assiste e os representantes das instituições que respondem pelo bem estar dessa população e da cidade em que está instalado. Como o *RJTV* é um telejornal local que vai ao ar para uma imensa região, chamada de Grande Rio, ele tem que dar conta de cobrir as mais diversas realidades, desde a história do morador de Mesquita que tenta escoar sua produção de frutas em lombo de burro até a inauguração da árvore de natal da Lagoa Rodrigo de Freitas, símbolo de um Rio de Janeiro rico e desenvolvido, conhecido por todo o Brasil.

Nos concentramos, neste trabalho, na relação que o telejornal observado estabelece especificamente com seu público de baixa renda. Privilegiamos aqui a análise de edições especiais ancoradas em bairros populares, como Ramos ou em municípios distantes do Rio de Janeiro hegemônico, como os da Baixada Fluminense. Consideramos que, quando se trata da cobertura de notícias direcionadas para este público, o telejornal se incumbe mais claramente do papel de interventor, de impulsionador de soluções que não são automaticamente promovidas pelo poder público.

Quando a notícia vem da zona sul, região privilegiada economicamente, o telejornal também desempenha um papel fiscalizador, mas os temas abordados geralmente são em torno da violência, ou de outros temas mais factuais. A resposta do poder público nestes casos é

freqüentemente bem mais rápida e eficiente do que quando se trata de áreas de baixa renda e distantes do cartão postal.

As reportagens do *RJTV* que enfocam bairros e municípios de baixa renda freqüentemente não são factuais. Elas tratam de problemas do cotidiano dos moradores, geralmente ineficiências crônicas em infra-estrutura. O telejornal, ao abordar esses assuntos, objetiva se aproximar de um público que representa a maioria da população do Grande Rio. Comercialmente, a decisão de tornar o telejornal mais “comunitário” é facilmente justificável. A questão a ser considerada aqui é se a intenção comercial está associada a uma vontade de influenciar positivamente no funcionamento das instituições responsáveis pelo bem estar do cidadão. O papel de intervenção, cobrança e fiscalização desempenhado pelo telejornal local estudado aqui consolida uma imagem de poder perante o público, mas também concretiza ações que efetivamente melhoram a vida dos cidadãos, mesmo que sejam pontuais.

A intervenção do *RJTV* na tentativa de solucionar problemas do dia-a-dia das comunidades carentes do Rio de Janeiro muitas vezes se mostra eficaz no ar. O telejornal solidifica sua imagem de poder, pressiona ao vivo autoridades que prometem aos moradores e ao repórter desfechos para problemas na maioria das vezes crônicos. O desfecho positivo dessas promessas é cobrado pelo telejornal, mas em muitas situações não é cumprido. O quadro *RJ nos bairros* foi criado para que soluções se efetivassem, mas as pautas abordadas privilegiam problemas de soluções mais simples, como a construção de um ponto de ônibus. Este exemplo revela que o poder intervencionista de um telejornal que abarca a cobertura de uma região tão complexa e repleta de contradições e diferenças é limitado. O funcionamento precário das instituições oficiais responsáveis pelo funcionamento dos mais diversos serviços prestados à região metropolitana do Rio de Janeiro não permite que se materializem milagres na televisão.

O balanço final de uma observação detalhada deste telejornal mostra que as respostas das autoridades, obtidas pelos repórteres, muitas vezes são compostas de promessas vazias. Porém, freqüentemente o constrangimento

perante a câmera e ao público do telejornal obriga o representante do poder público a mostrar alguma eficiência. Em alguns desses casos, podemos afirmar que a intervenção do telejornal efetivamente possibilita soluções.

Esta pesquisa busca olhar para uma produção telejornalística direcionando uma atenção especial às articulações. Tentamos observar a comunicação que se dá na relação entre o emissor e o receptor participante e também, no âmbito da mensagem, considerá-la como fruto de uma combinação de texto, som e imagem em movimento. Esperamos que estes dois parâmetros sejam referência para futuras pesquisas na área, pois são constituintes do jornalismo feito pela televisão.